

(2009) **JOÃO DE MELO, *A DIVINA MISÉRIA*.**

LISBOA, PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE.

Paula Alexandra de Sousa Cotter Cabral – Escola Secundária Vitorino Nemésio, Rua Comendador Francisco José Barcelos. 9760-434 Praia da Vitória.

Este reencontro com a escrita de João de Melo permite-nos uma visão retrospectiva da sua obra. O próprio autor alerta, na «Nota a Fechar», para a matéria da escrita desta novela (?), género e ligação deixados à consideração do leitor. É, por isso mesmo, um desafio proposto a cada seguidor da sua obra, um regresso ao passado com uma tonalidade diferente, uma actualização dos escritos através dos olhos críticos do presente.

É, neste texto, deixado transparecer um amadurecimento não apenas temporal, mas sobretudo espacial, revelando um percurso de vida que condimenta a perspectiva dos espaços percorridos, uma vida de experiência da e na escrita.

Ao longo de dez capítulos, somos confrontados com um narrador “oculto” (tal como o designa o próprio autor na nota de fecho), que, através de um diálogo unilateral, vai discorrendo sobre vários assuntos que marcam um espaço insular e, simultaneamente, universal. Um espaço de isolamento e de tradições – que já não são o que outrora foram a emergir num tempo para lá do esquecimento.

Este narrador parece relatar as suas reflexões sobre a vida a um biógrafo do Padre Governo, explicitando os eventos com o pormenor de um contador de histórias: «Quer, senhor, que lhe conte como as coisas se passaram? Pois sim, vamos lá a isso, eu lho contarei por miúdo e sem mais rodeios» (p. 36).



Personagens, que povoaram obras anteriores, como: Padre Governo, João Lázaro, Guilherme-José, entre outras, iniciam um desfile nas palavras desse contador de histórias, evidenciando as relações entre a vida e a morte. São, afinal, marcas inexoráveis na Humanidade, as deixadas pela interrupção da vida e, em maior escala, por todo o mecanismo condicionador desse terminar da existência.

A crítica acérrima alcança todo um sistema religioso, social e político que se alimenta desta vida humana e que parece atingir o limite da voracidade aquando do abismo da morte. Paralelamente à análise desses poderes, adensa-se uma atitude crítica em face da globalização, a influência de um mundo novo, cujos costumes se fundem com as gentes. Esta imagem é-nos dada como se de uma invasão subtil e descaracterizadora se tratasse: «o vento levou o mundo de dentro para fora de si. Talvez estejamos no domínio da mais pura e absurda irrealidade de uma ficção. [...] As gerações de agora, as pessoas em si, uma a uma, perderam os sonhos, os segredos, o dia seguinte, o horizonte do olhar» (p. 113).

O mesmo parece suceder na relação estabelecida entre o escritor, «senhor», e o protagonista desta narrativa.

O narrador-personagem confronta o seu ouvinte escritor, que passará para a escrita a história relatada, ao assumir-se efectivamente um «ser de papel»: «na sua imaginação de escritor de mim, cumpro as missões que o senhor me destinou [...] Nunca foi cómodo ser personagem de um livro; estar perante o inventor da nossa pobre legenda e não poder a gente mirar-se num espelho real» (p. 114). O processo criativo é também aqui referenciado, permitindo uma ampliação dos sentidos entre o real e a ficção. O imaginário de todos nós, leitores, é posto à prova neste jogo em que as personagens se indignam por serem apenas seres ficcionais, exigindo um estatuto diferente.

Dos textos anteriores: «O Tempo de Todos Nós», «O Homem na Idade dos Corais», «A Divina Miséria» (texto homónimo inserto no livro *Entre Pássaro e Anjo*), isto é, de todos os que servem de ponto de partida para esta novela, restam alguns resquícios que acabam, no entanto, por ser excepcionalmente filtrados, de tal modo que adquirem uma nova vida. *A Divina Miséria* torna-se, assim, independente e, com vida própria, liberta-se do criador para se assumir uma obra única. PAULA ALEXANDRA DE SOUSA COTTER CABRAL